

PREGANDO NUM “MAR DE MUDANÇA”: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO CONCEITO DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE NEWBIGIN

*Giuliano Letieri Coccaro**

RESUMO

A contextualização é fundamental para a pregação em qualquer ambiente cultural. Numa sociedade que está sofrendo rápidas e constantes transformações, contextualizar não é uma tarefa simples, conquanto fortemente necessária. Este artigo tem o objetivo de aplicar o conceito de contextualização de Lesslie Newbiggin à tarefa da pregação, especialmente quando exercida num ambiente de mudanças céleres e hostis às Escrituras. Newbiggin entende que a contextualização sadia carrega dois componentes principais: fidelidade e relevância. Em outras palavras, o desafio da contextualização na comunicação do evangelho é tanto de uma afirmação da cultura quanto de uma rejeição dela; esse é o coração do conceito de contextualização de Lesslie Newbiggin. Esse dualismo é inegociável para a pregação e traz muitas contribuições para a comunicação do evangelho no século 21. Por um lado, o pregador afirma a verdade das pessoas; por outro, ele rejeita as falsas crenças delas, para que, finalmente, as convide a substituir seus ídolos pela confiança somente em Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE

Newbiggin; Pregação; Contextualização; Pós-modernidade; Mudanças.

* O autor é pastor presbiteriano, mestre em Teologia (com ênfase em pregação) pelo Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan; bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano José Manoel da Conceição; bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (integralização de créditos); bacharel em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade Católica de Santos. É professor de Prática de Pregação e de Homilética no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, e professor e coordenador pedagógico do Instituto Reformado do Litoral Paulista (IRLP).

INTRODUÇÃO

O mundo está constantemente enfrentando dramáticas transformações que reorganizam nossa sociedade. Tais mudanças no mundo ocidental trouxeram novos desafios à igreja e à pregação da Palavra de Deus diante de uma era comumente chamada de pós-moderna. Encontrar uma explicação sucinta e concreta para o pós-modernismo chega a ser um paradoxo, pois “uma característica do pós-modernismo é a sua disponibilidade interna de não objetivar [ou definir] nada”.¹ Por isso, alguns preferem não empregar essa expressão. Eles argumentam que “o mundo pós-tudo” resume melhor a nossa sociedade de hoje, uma vez que as gerações são mais complexas do que as pessoas estão acostumadas a pensar. Um mundo pós-tudo está saturado com múltiplos contextos e pressupostos culturais.²

Richard Jensen define o pós-modernismo como um “mar de mudança”.³ Embora não haja uma única definição para este “mar de mudança” em que estamos todos “nadando”, é possível identificar várias características deste tempo “pós-tudo”. Em geral, os pós-modernistas, ou a geração “pós-tudo”, é sempre desconfiada de qualquer autoridade. Para essa geração nem a razão nem a revelação fornecem uma verdade objetiva. Pessoas pós-modernas são avessas a metanarrativas. Verdades universais devem ser sempre resistidas e rejeitadas.⁴ Elas adoram histórias, mas odeiam qualquer “grande história” que se proponha a explicar a realidade da vida. A Bíblia, por exemplo, como a história da revelação de Deus ao mundo, é considerada um conto de fadas. A verdade para os “pós-tudo” depende de sua própria experiência. A célebre frase do filósofo René Descartes, “Penso, logo existo”, foi substituída por “Sinto (ou experimento), logo existo”. Os “pós-tudo” têm uma vida orientada pela experiência; mas isso não significa que eles desprezam evidências e provas.⁵ Outra característica importante dos pós-modernistas é sua oposição à moralidade. Eles são radicalmente contra o moralismo, que eles pensam ser “opressivo e totalitário”.⁶ A menos que os pregadores compreendam e respondam adequadamente ao “mar de mudança” no qual estão pregando, a

¹ LOSCALZO, Craig A. *Apologetic Preaching: Proclaiming Christ to a Postmodern World*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000, p. 13. Minha tradução.

² ESWINE, Zack. *Preaching to a Post-Everything World: Crafting Biblical Sermons That Connect with Our Culture*. Grand Rapids, MI: Baker, 2008, p. 12-13.

³ JENSEN, Richard A. “Preaching in a Sea of Change”. *Currents in Theology and Mission*, abril 2004, p. 126.

⁴ MOHLER, R. Albert. *He Is Not Silent: Preaching in a Postmodern World*. Chicago: Moody Publishers, 2008, p. 115-131.

⁵ KELLER, Tim. Post-Everythings. Westminster Theological Seminary. Disponível em: http://www.wts.edu/resources/articles/keller_posteverything.html. Acesso em: 25 mar. 2015.

⁶ MOHLER, *He Is Not Silent*, p. 122.

comunicação do evangelho pode se tornar culturalmente irrelevante ou biblicamente questionável.

O conceito de contextualização de Lesslie Newbigin fornece uma interessante contribuição para desenvolver uma pregação que seja sensível à cultura ocidental, notadamente diversificada e em constante mutação, e que, ao mesmo tempo, exponha seus ídolos como preâmbulo para o convite a um encontro libertador com Cristo. Newbigin foi um missionário, pensador e apologista que desenvolveu seu conceito de contextualização dentro de uma perspectiva acentuadamente missionária.⁷ Ele dedicou seus melhores esforços para ensinar os cristãos a serem fiéis em comunicar o evangelho num ambiente secular. Isto não significa que estejamos plenamente concordes em tudo o que ele falou e escreveu. Temos pontos de discordância. Porém compartilhamos alguns pensamentos, que julgo pertinentes e aplicáveis para o ministério da pregação.

Para atingir o objetivo deste artigo, vamos começar expondo o debate em torno da necessidade de contextualização e o que significa contextualizar na perspectiva de Lesslie Newbigin. Em seguida, vamos concentrar nossa atenção na comunicação do evangelho, segundo Newbigin. Aqui, pensaremos mais profundamente sobre uma fiel e contextualizada pregação das Escrituras no meio de uma cultura secularizada, destacando como lidar com os lados positivo e negativo dessa cultura. A última seção vai apresentar algumas implicações do conceito de contextualização de Newbigin para ajudar os pregadores a se conectarem, a desafiarem e a convidarem seus ouvintes para abraçar o evangelho dentro desse mar de mudanças.

1. O DESAFIO DA CONTEXTUALIZAÇÃO

A pregação da Palavra de Deus tem de ser sensível ao contexto cultural do século 21. Kevin J. Vanhoozer tem uma pergunta desafiadora: “Como você evangeliza uma cultura que já conhece o evangelho, o aceitou, e depois se mudou para uma história diferente?” Essa questão é uma tentativa de convencer os pregadores a se conscientizarem das novas demandas que enfrentam. A intenção de Vanhoozer é desafiar-los à fidelidade bíblica e à relevância cultural na pregação. Muitas vezes o chamado à “relevância” é interpretado como um incentivo para enfraquecer a mensagem central do evangelho. Como Vanhoozer declarou: “Se a teologia é o ministério da Palavra ao mundo, segue-se que os teólogos devem saber algo sobre o mundo a que estão ministrando”.⁸ Para comunicar

⁷ GOHEEN, Michael W. “As the Father Has Sent Me, I Am Sending You”: J.E. Lesslie Newbigin’s Missionary Ecclesiology. *Mission*, nº 28. Zoetermeer: Boekencentrum, 2000, p. 417.

⁸ VANHOOZER, Kevin J.; ANDERSON, Charles A.; SLEASMAN, Michael J. (Orgs.). *Everyday Theology: How to Read Cultural Texts and Interpret Trends*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007, p. 8.

melhor o evangelho temos que assumir que fidelidade e relevância são dois lados da mesma moeda na pregação. Da mesma forma, temos de admitir que pode haver uma linha tênue entre ser culturalmente engajado e biblicamente superficial. Esta é a preocupação e o esforço contínuo de Lesslie Newbigin em sua teoria da contextualização: “Como, então, devemos fazer cristologia de uma forma que seja simultaneamente fiel a Cristo e a muitas culturas em que os homens procuram confessá-lo?” Na visão de Newbigin, esse é o maior desafio da contextualização.

A contextualização tem sido amplamente debatida em estudos missionais contemporâneos. Tim Keller sublinha que a habilidade na contextualização é uma das chaves para o ministério eficaz hoje, principalmente nos centros urbanos e culturais, pois eles são o núcleo a partir do qual a cultura está sendo moldada.⁹ Diante disso, não podemos superadaptar o evangelho à nossa cultura nem subadaptá-lo a novas culturas. No primeiro, corre-se o risco de cair no relativismo ou no liberalismo; no segundo, a consequência é o conservadorismo cultural.¹⁰ Portanto, os dois perigosos extremos no que tange à contextualização são: a subadaptação e a superadaptação da mensagem.¹¹ No primeiro caso, reside o medo de qualquer contextualização. Alguns cristãos, temendo o sincretismo, optam por permanecer longe da cultura local. O evangelho é pregado sem sensibilidade cultural. Tais pessoas gostam de dizer que contextualizar significa dar às pessoas o que elas querem ouvir. Por outro lado, pode haver uma obsessão com a contextualização. Esta segunda posição é igualmente danosa à comunicação do evangelho. Para seus defensores, todas as culturas são vistas como igualmente boas, não podem ser julgadas e devem ser preservadas a todo custo. No entanto, o encontro acrítico entre evangelho e cultura ofusca o papel da igreja como a luz do mundo bem como anula seu caráter contracultural no meio da sociedade. David Helm entende que um dos problemas com a contextualização é a ênfase na elaboração de um sermão relevante em detrimento da exegese bíblica. Ele chama isso de “uma adesão cega à contextualização”. Helm adverte aqueles que estão mais comprometidos em fazer uso da cultura circundante na pregação do que em estudar o texto bíblico:

⁹ KELLER, Tim. *Center Church: Doing Balanced, Gospel-Centered Ministry in your City*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012, p. 90.

¹⁰ *Ibid.*, p. 93-94.

¹¹ Para saber mais sobre o conceito de contextualização em missões, recomendo as seguintes leituras: BEVANS, Stephen B. *Models of Contextual Theology*. Faith and Cultures Series. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1992; BOSCH, David J. *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission*. American Society of Missiology Series, no. 16. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1991; e HIEBERT, Paul G. *The Gospel in Human Contexts: Anthropological Explorations for Contemporary Missions*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009.

Alguns pregadores passam mais tempo lendo e meditando sobre nosso ambiente contextual do que sobre a Palavra de Deus [...] o pregador perde a marca da exposição bíblica quando ele permite que o contexto que está tentando ganhar para Cristo controle a Palavra que ele fala da parte de Cristo.¹²

Ambas as perspectivas, subcontextualização ou supercontextualização, não conseguem dar uma resposta adequada à pregação fiel da Palavra de Deus. Assim, elas serão irrelevantes para a cultura ou infieis à mensagem do evangelho. Helm escreve corretamente:

Num sentido mais amplo, as nossas tentativas de contextualizar devem sempre evitar um de dois erros. Por um lado, se a nossa pregação sempre se opõe à cultura, a nossa mensagem será rejeitada pelo mundo, mesmo antes de ter a oportunidade de apresentar Cristo. Por outro lado, se acomodarmos a nossa mensagem ao mundo perdemos o próprio chão que nos permite ser úteis para Deus no mundo. Nossa tarefa é encontrar uma maneira de levar a mensagem imutável de Deus a um mundo quase vazio de categorias bíblicas e repleto de confusão teológica.¹³

Mark Batterson entende que o divórcio entre exegese bíblica e cultural produz uma tentativa disforme de apresentar a verdade, que não é saudável. Ele diz: “Ou nós respondemos perguntas que ninguém está fazendo ou nós damos respostas erradas”.¹⁴ Para evitar essas duas abordagens inadequadas da contextualização, os pregadores devem estar cientes de sua dupla vocação: serem fiéis ao evangelho e relevantes para a cultura. Um ministério evangélico saudável é sempre textualmente conduzido e contextualmente informado.¹⁵ Seguindo essa mesma compreensão na comunicação do evangelho, Ed Stetzer e Elmer Towns entendem que “nosso chamado é levar a mensagem que nunca muda a um mundo em constante mudança”.¹⁶

Newbigin reconhece a tensão da relação entre evangelho e cultura, especialmente nas culturas ocidentais, nas quais ela é intensamente debatida na missiologia contemporânea.¹⁷ Para Newbigin, uma necessidade urgente na igreja

¹² HELM, David R. *Expositional Preaching: How we Speak God's Word Today*. Wheaton, IL: Crossway, 2014, edição Kindle, local 174-178.

¹³ *Ibid.*, local 983-987.

¹⁴ BATTERSON, Mark. “Carpe Culture: Redeeming Cultural Lingo without Diluting the Gospel”. Disponível em: <http://www.markbatterson.com/uncategorized/cultural-exegesis/>. Acesso em: 24 fev. 2015.

¹⁵ HELM, *Expositional Preaching*, local 971-972.

¹⁶ TOWNS, Elmer L.; STETZER, Ed. *Perimeters of Light: Biblical Boundaries for the Emerging Church*. Chicago: Moody Publishers, 2004, p. 31.

¹⁷ NEWBIGIN, Lesslie. *The Gospel in a Pluralist Society*. WCC Publications. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 188. NEWBIGIN, Lesslie. “What Is a Local Church Truly United?” *The Ecumenical Review* 29:2, abril 1977, p. 118.

de hoje é levar o evangelho a uma sociedade ocidental altamente secularizada que se torna cada vez mais pagã e idólatra, especialmente depois do Iluminismo. Newbigin tem uma perspectiva equilibrada sobre esse relacionamento. Ele assume que a igreja é tanto parte de uma sociedade que carrega as marcas da apostasia como parte da comunidade de Deus chamada para viver a história de Deus no mundo que o Senhor criou. Encontrar esse equilíbrio não é tarefa fácil. Na verdade, Newbigin entende que os cristãos, em geral, não conseguiram resolver esse dualismo.¹⁸ Ele passou a maior parte de sua vida tentando responder este dilema: “Como pode o evangelho se manifestar em todos esses diferentes contextos culturais, e ainda ser o mesmo evangelho autêntico?”¹⁹

A solução da Newbigin para a tensão entre evangelho e cultura tem sido vista como um modelo de contextualização contracultural. A igreja deve estar consciente do “encontro entre evangelho e cultura” a fim de responder adequadamente às demandas que surgem a partir dessa contradição radical. Ele entende que a resposta adequada a essa tensão é uma contextualização fiel e verdadeira do evangelho. É o que ele chama de “um encontro missionário” com a cultura ocidental contemporânea.²⁰ Michael Goheen escreve que a teoria da contextualização de Newbigin evita o perigo da fidelidade sem relevância e o perigo de relevância sem fidelidade.²¹ Para entender o conceito de fidelidade e relevância na pregação de Newbigin é necessário fornecer algumas definições e esclarecimentos sobre sua teoria. O primeiro passo é definir o que significa contextualização na perspectiva de Newbigin.

2. NEWBIGIN E CONTEXTUALIZAÇÃO: SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA

Para Newbigin, contextualizar o evangelho em uma cultura específica não se limita a uma atividade realizada em solo estrangeiro, mas “é na verdade um problema envolvido em cada comunicação do evangelho, seja no próprio bairro ou nos confins da terra”.²² Nesse sentido, Newbigin entende que toda pregação é uma atividade transcultural.²³ Ele afirma, por exemplo, que pregar à secularizada Anglo-Saxônia é mais difícil do que pregar o evangelho a outras nações, uma vez que a civilização ocidental está provando ser mais resistente ao evangelho do que qualquer outra cultura em todo o mundo. Depois de deixar

¹⁸ NEWBIGIN, Lesslie. “Evangelism in the City”. *Reformed Review* 41, outono 1987, p. 3-8.

¹⁹ NEWBIGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, p. 142.

²⁰ NEWBIGIN, “Evangelism in the City”, p. 3.

²¹ GOHEEN, “As the Father Has Sent Me, I Am Sending You”, p. 337.

²² NEWBIGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, p. 142.

²³ WILLIMON, W.; LISCHER, R. (Orgs.). *Concise Encyclopedia of Preaching*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 1995, p. 96.

a Índia, após quase quatro décadas de labor missionário, Newbiggin voltou para a Inglaterra e continuou pastoreando igrejas. Ele avaliou uma dessas igrejas com as seguintes palavras: “[...] muito mais difícil do que qualquer coisa que conheci na Índia. Há um frio desprezo do evangelho que é mais difícil de enfrentar do que a oposição”.²⁴ Ele diz que, onde a cultura ocidental moderna é dominante, “a igreja está encolhendo e o evangelho parece cair em ouvidos surdos”.²⁵ Para o experiente pregador inglês, a cultura ocidental tinha se tornado o campo missionário mais difícil do mundo.²⁶

Além disso, Newbiggin aponta o aspecto prático da contextualização. Esse é o aspecto chave para o seu conceito de contextualização. Os membros da igreja são um fator determinante para o sucesso do “encontro missionário” entre o evangelho e a cultura. Ele argumenta que as ações da comunidade local são fundamentais para a pregação do evangelho ter impacto na sociedade.²⁷ Newbiggin incentiva as congregações locais a irem além das paredes da igreja e se familiarizarem com as pessoas, fazerem parte da cultura delas e demonstrarem o reino de Deus na sociedade. Tim Keller chama essa abordagem de “contextualização ativa”, porque uma verdadeira contextualização “obriga-nos a ser proativos, criativos e corajosos a cada passo”.²⁸

De acordo com Newbiggin, contextualização também não significa simplesmente estabelecer boas ligações ou ter uma atitude positiva em relação à cultura. Para ser culturalmente relevante é indispensável fazer uma leitura crítica da cultura; caso contrário, a igreja de Cristo será sincretista. Na verdadeira contextualização, a igreja deve estar em desacordo com os ídolos da cultura atual. Na perspectiva de Newbiggin, os irmãos gêmeos da verdadeira contextualização são solidariedade e oposição, o que ele chama “não” e “sim”, “julgamento” e “graça”, em relação à cultura.

2.1 O desafio da solidariedade

Newbiggin trata a solidariedade como uma atitude afirmativa e dinâmica em relação à cultura. A igreja é vista como uma comunidade de crentes comprometidos com o seu lugar na sociedade. Newbiggin vê o papel de Cristo na criação como seu autor, redentor e consumidor como o modelo certo para a

²⁴ GOHEEN, “As the Father Has Sent Me, I Am Sending You”, p. 103.

²⁵ NEWBIGGIN, Lesslie. *Foolishness to the Greeks: The Gospel and Western Culture*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986, p. 3.

²⁶ “Two Ways of Realizing the Vision of the PC(USA) for Its Congregations: Congregations with Missions and/or Missionary Congregations”. *Austin Presbyterian Theological Seminary* 109, n. 1 (1993), p. 63.

²⁷ NEWBIGGIN, *Foolishness to the Greeks*, p. 3.

²⁸ KELLER, *Center Church*, p. 119-134.

contextualização do evangelho.²⁹ Ele afirma: “A igreja é lançada ao mundo da mesma forma que Jesus é enviado ao mundo pelo Pai”.³⁰ A igreja deve buscar o bem-estar da sociedade da mesma forma que Cristo fez. Em outras palavras, o estilo de vida da igreja é a credencial do evangelho que ela proclama. Palavras e ações não podem ser separadas na missão. Newbigin afirma que as igrejas locais têm de permitir que as pessoas ouçam e vejam as palavras e os sinais do evangelho. Qualquer tentativa de contextualizar a boa-nova, sem ações apropriadas, pode destruir o testemunho da igreja. Ao mencionar sua própria experiência enquanto pregava nas ruas da Índia, Newbigin relata que durante um longo período ele não viu qualquer resultado desta abordagem evangelística; mais tarde, porém, a hostilidade para com tal método de pregação foi transformada em aceitação. Por quê? O que Newbigin fez para que seus ouvintes passassem a ouvi-lo? Ele diz que o seu testemunho público fez toda a diferença: ele começou a servir e cuidar das necessidades da comunidade local.

A resposta que dei em minha própria mente era que as pessoas que nos escutavam sabiam que nós também éramos as pessoas que ensinavam seus meninos e meninas nas escolas e que cuidavam de seus doentes no *Hospital Mission*, de modo que a pregação não era composta de palavras desencarnadas, mas tinham um pouco de carne nela.³¹

As palavras de Andy Stanley são apropriadas para corroborar a experiência de Newbigin em solo indiano: “Quando as pessoas estão convencidas de que você tem algo para elas, em vez de querer algo delas, elas são menos propensas a se sentir ofendidas quando você as desafia”.³² Newbigin reforça repetidamente que no DNA da igreja está o chamado para viver para o mundo. Ao lado disso, Newbigin adverte os crentes a respeito do erro de envolver-se com a cultura de uma maneira errada. Há limites para o tópico “relevância cultural”.

²⁹ Newbigin salienta pelo menos três dimensões da obra de Cristo neste mundo como estrutura para a missão da igreja. Primeiro, Cristo é o criador e sustentador de todas as coisas; portanto, a igreja tem de compartilhar e nutrir o amor no lugar em que Deus a tem plantado. Em segundo lugar, porque Cristo veio reconciliar o mundo, a igreja tem de ser um sinal deste fim escatológico. Por último, devido ao fato de Cristo ter vencido seus inimigos através da sua encarnação, morte e ressurreição, a igreja também tem de lutar contra o mal dolorosa e triunfantemente. Newbigin destaca o fato de que a igreja de Cristo está sempre trilhando em direção a um caminho de sofrimento, porque o evangelho, sobre o qual a igreja permanece e vive, é loucura para o mundo. Cf., NEWBIGIN, “What Is a Local Church Truly United?”, p. 118; NEWBIGIN, Lesslie. *A Word in Season: Perspectives on Christian World Missions*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994, p. 57.

³⁰ NEWBIGIN, *A Word in Season*, p. 54.

³¹ NEWBIGIN, Lesslie. *Unfinished Agenda: An Autobiography*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985, p. 56.

³² STANLEY, Andy. *Deep & Wide: Creating Churches Unchurched People Love to Attend*. Grand Rapids, MI: Zondervan. Edição Kindle, local 2902-2903.

Newbiggin acredita firmemente que a igreja de Cristo é chamada para ser uma comunidade de contraste. Na visão dele, os cristãos não podem dar apoio incondicional à cultura.³³ Ele escreve: “Devemos sempre, em cada situação, lutar com ambos os lados desta realidade: que a igreja é *para* o mundo e *contra* o mundo, a igreja é *contra* o mundo *para* o mundo”.³⁴ Ou seja, a relevância da igreja consiste no aspecto contrastante de sua vocação.

2.2 O desafio da oposição

Newbiggin diz que a necessidade de oposição a “crenças culturais” pode ser vista no início do século 20, quando teólogos ocidentais liberais lutaram para separar o Jesus histórico do “Cristo da fé”, transformando o cristianismo em uma forma mais palatável e aceitável à mente moderna. Consequentemente, muitos teólogos sacrificaram a fé cristã no altar do racionalismo. O evangelho foi engolido por uma filosofia naturalista e a “relevância cultural” destruiu a fidelidade bíblica. A cultura antiespiritual e secular do Ocidente sobrepôs-se à narrativa bíblica. Para o missionário inglês, “nós estamos no meio de uma cultura moribunda”.³⁵ A ideia dele é afirmar que a cultura como construção humana, transmitida de geração em geração, e que abrange todas as dimensões da vida em seu aspecto público, social e histórico, carrega suas “crenças”, que são consequências da queda.³⁶

Ou seja, cada sociedade tem sua própria cosmovisão, que é definida por Peter HESLAM como um “conjunto de crenças que sustenta e molda todo o pensamento e ação humana”.³⁷ Apesar da existência de crenças subjacentes, é difícil identificar uma visão de mundo, uma vez que raramente ela oferece uma declaração teórica. David KOYZIS define cosmovisão como uma “visão pré-teórica enraizada num compromisso religioso básico que interage com uma experiência de vida comum”.³⁸ A cultura é, então, uma expressão externa de uma cosmovisão interiorizada. Nas palavras de VANHOOZER, “a cultura é uma cosmovisão vivida”.³⁹ Mesmo quando determinada sociedade se diz supostamente adepta de uma cultura secular, como em alguns países ocidentais,

³³ NEWBIGGIN, Lesslie. *The Open Secret: An Introduction to the Theology of Mission*. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 161.

³⁴ NEWBIGGIN, *A Word in Season*, p. 54.

³⁵ NEWBIGGIN, Lesslie. “Religious Pluralism and the Uniqueness of Jesus Christ”. *International Bulletin of Missionary Research*, 1989, p. 52.

³⁶ NEWBIGGIN, Lesslie. “Christ and the Cultures”. *Scottish Journal of Theology* 31, n. 1 (1978), p. 9.

³⁷ HESLAM, Peter S. *Creating a Christian Worldview: Abraham Kuyper’s Lectures on Calvinism*. Grand Rapids, MI: Eerdmans; Carlisle: Paternoster Press, 1998, p. 7.

³⁸ KOYZIS, David Theodore. *Political Visions & Illusions: A Survey and Christian Critique of Contemporary Ideologies*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003, p. 7.

³⁹ VANHOOZER, ANDERSON e SLEASMAN, *Everyday Theology*, p. 26.

existem compromissos religiosos nas camadas mais profundas de cada cultura. Portanto, em vez de falar de uma sociedade secular, onde o Deus vivo foi removido, poderíamos nos valer do termo “sociedade pagã”, que jura lealdade a deuses falsos ou a ídolos, que nada mais são do que substitutos escolhidos para preencher o espaço deixado pelo verdadeiro Deus.⁴⁰

Reconhecendo esta zona religiosa invisível da cultura, Herman Bavinck assinala que “toda a cultura, em todas as suas manifestações, é uma totalidade estrutural, em que tudo se encaixa, e em que a religião ocupa uma posição central”.⁴¹ Essa posição central da religião na sociedade, a busca pelo transcendente, se deve ao que o próprio Bavinck chama de *desiderium aeternitatis*, ou o “anseio por uma ordem eterna, que Deus plantou no coração do homem”.⁴² O reformador João Calvino semelhantemente ensina que dentro de cada ser humano há uma consciência do ser divino, o que significa uma certa compreensão da majestade ou senso da divindade. Ele também chama isso de “semente da religião”, ou seja, a profunda convicção arraigada no coração de cada ser humano de que há um Deus.⁴³ O problema é que o verdadeiro Deus está sendo sistematicamente substituído por falsos deuses.

Em outras palavras, uma cultura puramente secular não existe. De acordo com Newbigin, a cultura é, em última instância, composta de elementos que constituem e determinam a vida humana e a sociedade. Ele nomina esses elementos como: cosmovisão, mitos, ideologias, ídolos, até mesmo deuses, que funcionam como um núcleo de formação no centro da sociedade humana.⁴⁴ Em suma, por baixo da superfície da cultura há sempre a raiz da religião.⁴⁵ Na análise de Newbigin isso fica ainda mais óbvio e verificável no estudo da linguagem humana, a qual, segundo o missionário, carrega significado religioso, com os seus valores e crenças. Ele aconselha os pregadores a apresentar o evangelho usando a linguagem dos ouvintes; caso contrário, a mensagem de Cristo não fará sentido a determinada cultura. No entanto, Newbigin também diz que qualquer idioma, incluindo o seu, já está cheio de significados que transmitem a visão de mundo incorporada das pessoas, e que são, “em muitos aspectos, incompatíveis com o compromisso cristão”.⁴⁶

⁴⁰ NEWBIGIN, *A Word in Season*, p. 148-50.

⁴¹ BAVINCK, J. Herman. *The Impact of Christianity on the Non-Christian World*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1948, p. 173.

⁴² BAVINCK, Herman. *Our Reasonable Faith*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956, p. 19.

⁴³ CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. 4ª ed. The Library of Christian Classics. Vol. XX. Philadelphia: Westminster Press, 1977, p. 43-44 (I.3.1).

⁴⁴ GOHEEN, “As the Father Has Sent Me, I Am Sending You”, p. 341.

⁴⁵ NEWBIGIN, “Christ and the Cultures”, p. 1.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 2.

Os cristãos são instados a um engajamento cultural a fim de pregar fiel e relevantemente. Eles devem olhar para além do que é expresso na cultura, para as crenças culturais mais profundas, à luz da revelação de Cristo.⁴⁷ Em relação à cultura ocidental, por exemplo, Newbigin afirma:

Nós certamente sabemos que a nossa cultura ocidental contemporânea está no poder de falsos deuses, de ídolos; [e] que as pessoas estão buscando a salvação através da invocação de todos os antigos deuses do poder, do sexo e do dinheiro... do livre comércio, da sociedade de consumo.⁴⁸

Os cristãos precisam conhecer sua cultura através da avaliação de tais compromissos.

Newbigin nos alerta para o fato de que a mensagem cristã não está sendo apresentada em área neutra. Dessa forma, os pregadores têm de estar cientes de que anunciamos o evangelho em uma “área ocupada por outros deuses”.⁴⁹ A relação entre pregação e contextualização orienta os pregadores em direção a uma prática homilética que é sensível à cultura, bem como é capaz de identificar e desafiar os ídolos culturais. Uma vez realizada esta tarefa, os corações humanos são reprojatados e transformados através do anúncio da história bíblica, que encontra o seu clímax na morte e na ressurreição de Jesus Cristo.

3. AS IMPLICAÇÕES DA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA A PREGAÇÃO

Vejam, pois, como o conceito de contextualização de Lesslie Newbigin pode ser aplicado à prática da pregação nos dias modernos no Ocidente pagano. Este tópico não tem a intenção de provar que apenas a pregação que leva em consideração a contextualização da mensagem se constitui numa forma infalível ou método singular para converter as pessoas que vivem em culturas ocidentais. Conversão é trabalho de Deus. Nem todos os esforços para estar em sintonia com a cultura são capazes de trazer mudança de vida. Somente quando o Espírito Santo toca o coração humano há genuína transformação de mente e de coração. Joseph Jeter e Ronald Allen concordam que a pregação culturalmente engajada não substitui o trabalho do Espírito Santo no coração humano. No entanto, eles semelhantemente acreditam que um sermão “tem melhor oportunidade para fazer contato com os corações, mentes e vontades da congregação quando o material é moldado para dar conta da diversidade dentro da comunidade ouvinte”.⁵⁰ David Helm, por exemplo, lembra-nos

⁴⁷ NEWBIGIN, *The Open Secret*, p. 161.

⁴⁸ NEWBIGIN, “Religious Pluralism and the Uniqueness of Jesus Christ”, p. 52.

⁴⁹ NEWBIGIN, *A Word in Season*, p. 148-50.

⁵⁰ JETER, Joseph R.; ALLEN, Ronald J. *One Gospel, Many Ears: Preaching for Different Listeners in the Congregation*. St. Louis, MO: Chalice Press, 2002, p. 15.

que Paulo fez o máximo para contextualizar a sua mensagem aos atenienses (cf. Atos 17), porém, ela teve um efeito limitado. Paulo pregou estrategicamente, corajosamente, bíblicamente e de modo culturalmente engajado; no entanto, a sua mensagem foi mal interpretada e enfrentou resistência de muitos atenienses.⁵¹ Mesmo a pregação que se preocupa com aspectos da contextualização na mensagem não é uma garantia de que o sermão irá realizar as expectativas dos pregadores. Como vimos, é possível preparar uma mensagem sensível à cultura dos ouvintes e que seja, ainda assim, rejeitada. Contudo, devemos acreditar fortemente que um sermão culturalmente exegético é mais provável de se conectar às mentes e corações das pessoas do que os sermões que não levam em consideração a cultura dos ouvintes. Em outras palavras, a pregação culturalmente engajada não é uma receita infalível para comunicar ensinamentos bíblicos irresistivelmente, mas é uma ferramenta valiosa na proclamação do evangelho. Como diz o ditado: “Quando tudo o que você tem é um martelo, você trata todo mundo como se fosse um prego”.⁵²

O principal objetivo desta seção é propor alguns princípios para uma melhor proclamação do evangelho, tornando a boa notícia tão clara quanto possível para a mente pós-moderna. Ao fazer isso, esperamos fornecer alguns recursos que irão apoiar os pregadores na tarefa de comunicar a palavra de Deus com fidelidade bíblica e sensibilidade cultural num mar de mudança.

3.1 Fale de forma compreensível aos ouvintes

A ideia de Newbigin é: pregue de maneira que as pessoas entendam o que você está dizendo. Isso se torna ainda mais importante em sociedades pós-cristãs ou em contextos de intenso analfabetismo bíblico. Em um breve artigo intitulado “Speaking Your Audience’s Language: How to Avoid Christianese” (“Falando a língua de sua audiência: Como evitar o cristianês”), Rusty Wright afirma que uma das dificuldades que as pessoas têm na compreensão da mensagem é que os pregadores não estão falando a língua deles. Wright entende que é preciso cuidar com o que ele chama de “jargão cristianês”. Por exemplo, ele escolhe a palavra “pecado”, que é comumente aplicada a certos comportamentos, e mostra algumas expressões equivalentes para comunicar o sentido do pecado para as pessoas de hoje: “separação de Deus”, “alienação do Criador”, “a condição de estar desconectado de Deus” e “errar o alvo da perfeição divina”.⁵³ De fato, algumas pessoas da sociedade secularizada atual do mundo ocidental, incluindo membros de igrejas, podem não entender boa

⁵¹ HELM, *Expositional Preaching*, local 1065-1076.

⁵² CARSON, D. A. *A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 310.

⁵³ WRIGHT, Rusty. “Speaking Your Audience’s Language: How to Avoid ‘Christianese.’” Internet Evangelism Day. Disponível em: <http://www.internetevangelismday.com/preaching-effective-sermons.php#ixzz3S7JI6eAz>. Acesso em: 25 mar. 2015.

parte de nosso vocabulário religioso. Bruce Nicholls, por exemplo, afirma que os pregadores “têm muitas vezes subestimado a importância de fatores culturais na comunicação”. Ele diz que “alguns estão inconscientes de que termos como Deus, pecado, encarnação, salvação e céu transmitem à mente do ouvinte imagens diferentes daquelas [que estão na mente] do mensageiro”. De acordo com J. T. Seamands, “o mensageiro cristão não tem o direito de diluir o conteúdo do evangelho – este deve ser a verdade –, mas certamente deve apresentá-lo de tal forma que seja significativo para o ouvinte”.⁵⁴

À luz dessas críticas, devemos, então, como alguns defendem, prescindir de certos termos, tais como Deus, pecado, céu, expiação, propiciação, etc.? De modo algum. Mas esses autores nos alertam para o fato de que podemos explicá-los melhor à medida que os utilizarmos, sem julgar que todos sabem sobre o que estamos falando. Além do cuidado com o “evangeliquês” no púlpito, os pregadores precisam primar pela clareza dos termos na comunicação.

Estamos conscientes de algumas deficiências da palavra “relevante” nos campos teológico, missiológico e eclesiológico. É verdade que alguns estudiosos têm adotado e utilizado mal o termo “relevância”, explícita ou implicitamente, argumentando em favor de um evangelho aguado, uma mensagem rasa, rala, heterodoxa e sincrética. O desafio à relevância na pregação não entende que a mensagem deve se adequar às exigências e preferências do auditório. Como o Dr. Joel Beeke corretamente coloca: “A pregação não deve nem ignorar o banco, nem deixar que o banco controle o púlpito”.⁵⁵ Os pregadores não devem ser controlados por seus ouvintes; no entanto, eles têm de ser sensíveis às necessidades das pessoas. Newbigin apresenta um entendimento equilibrado do papel da relevância na pregação. Em seus escritos, ele sempre destaca a importância de abordar a mensagem do evangelho de uma forma simples e compreensível.⁵⁶ Certa feita, Martinho Lutero foi questionado por um pregador amigo a respeito de como seria pregar na presença do príncipe Margrave de Brandenburgo, o principado mais importante do Sacro Império Romano. Conta-se que reformador alemão lhe aconselhou: “Deixe todos os seus sermões serem muito claros e simples. Não pense no príncipe, mas nos incultos e ignorantes...Eu prego de modo muito simples para os iletrados e isso atende às necessidades de todas as pessoas”.⁵⁷ Lutero diz que pregava com os olhos voltados para os mais simples a fim de que todos pudessem

⁵⁴ SEAMANDS, J. T. *Tell It Well: Communicating the Gospel across Cultures*. Kansas City, MO: Beacon Hill Press, 1981, p. 130.

⁵⁵ BEEKE, Joel R. Target Audience (audiência alvo), anotações de aula da disciplina “Experiential Preaching”, Puritan Reformed Theological Seminary, 2015.

⁵⁶ NEWBIGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, p. 141.

⁵⁷ SMITH, P. e GALLINGER, H.P. (Orgs.). *Conversations With Luther*. Boston: Pilgrim Press, 1915, p. 193.

entender a sua mensagem. Calvino, semelhantemente, diz que preferiu sempre a simplicidade ao requinte em seus estudos. “Quando fui tentado a requintes, resisti à tentação e sempre estudei a simplicidade”.⁵⁸ Em seu livreto *O Que é Pregação Bíblica?*, Eric Alexander nos conta que John Wesley costumava ler seus sermões para sua empregada inculta e pedia-lhe para interrompê-lo quando não o entendia.⁵⁹ Explicando o tom pastoral de seu livro *Teologia Concisa*, J. I. Packer diz que Jesus nos chamou para alimentar ovelhas, não girafas. Com base nesse convite à simplicidade, Packer diz: “Objetivei manter as coisas tão simples quanto possível”.⁶⁰ Obviamente que Lutero, Calvino, Wesley e Packer jamais incentivaram o apreço pela simplicidade em detrimento da profundidade. Simplicidade não é sinônimo de superficialidade. Na simplicidade da linguagem também se expressa a profundidade do conhecimento.

3.2 Faça exegese da cultura

Embora não seja possível encontrar qualquer referência nos escritos de Newbigin a expressões como “hermenêutica cultural”, “leitura da cultura”, “exegese cultural” e assim por diante, sua teoria da contextualização obriga os pregadores a conhecerem muito bem a cultura à qual comunicam o evangelho.⁶¹ Mark Batterson reconhece que “muitos pastores estão tirando 10 em exegese bíblica e 0 em exegese cultural.”⁶² Mas uma boa pregação, na visão de Batterson,

[...] não só exige que seus praticantes se tornem habilidosos exegetas bíblicos. Ela também requer que eles se tornem bons em fazer a exegese de suas congregações locais e seus contextos. Exegese cultural é uma ferramenta útil para anunciar o evangelho de forma relevante e transformadora para determinadas comunidades de fé.⁶³

⁵⁸ CALVIN, Jean. *Textes Choisis par Charles Gagnebin*. Paris: Egloff, c. 1948, p. 42-43.

⁵⁹ ALEXANDER, Eric J. *What Is Biblical Preaching?* Basics of the Reformed Faith. Phillipsburg, NJ: P & R, 2008, p. 27.

⁶⁰ PACKER, J. I. *Teologia concisa: síntese dos fundamentos históricos da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, prefácio.

⁶¹ Podemos explicar o tópico “exegese cultural” através da definição de Matthew Kim, professor assistente de pregação e ministério no Gordon-Conwell Theological Seminary e ex-presidente da Evangelical Homiletic Society: “É um estudo rigoroso da vida e da cultura de nossos ouvintes. Assim como fazemos exegese ou extraímos o significado da Escritura que é exegese bíblica, também queremos fazer a exegese ou extrair o significado da vida e experiências que compartilhamos uns com os outros hoje”. KIM, Matthew D. “The Big Idea: Exegete Your Culture and the Text”. *Preaching Today*, 05/08/2013. Disponível em: <http://www.preachingtoday.com/skills/themes/big-idea/big-idea-exegete-your-culture-and-text.html>.

⁶² BATTERSON, Mark. “Carpe Culture: Redeeming Cultural Lingo without Diluting the Gospel”. Disponível em: <http://www.markbatterson.com/uncategorized/cultural-exegesis/>. Acesso em: 24 fev. 2015.

⁶³ TISDALE, Leonora Tubbs. *Preaching as Local Theology and Folk Art*. Fortress Resources for Preaching. Minneapolis: Fortress, 1997, p. xi.

Vanhoozer acredita que o analfabetismo cultural é prejudicial para a saúde espiritual das igrejas.⁶⁴ Por meio da exegese cultural, Vanhoozer entende que os cristãos são treinados a “nomear os principados e potestades que disputam o controle da mente, alma, coração e força das pessoas”.⁶⁵ Ele aconselha os cristãos a despertarem de seu sonambulismo cultural, caso contrário mitos culturalmente elaborados determinarão a vida e a mente deles.⁶⁶ Colocando de outra maneira, podemos afirmar que conhecer a cultura dominante não é mais uma escolha, senão uma questão de sobrevivência para o crente no mundo contemporâneo, especialmente para o pregador cristão na sociedade pós-tudo.

Daniel Akin, presidente e professor de pregação no Southeastern Baptist Theological Seminary, entende que, pelo fato de a pregação ter o propósito de transformar vidas para a glória de Deus, “é um pecado do tipo mais grave pregar a Palavra de Deus de uma forma maçante e pouco atraente”. Ele continua:

Na cultura em que vivemos, saturada com multimídia e entretenimento, repetidamente dizemos aos nossos alunos: “O que você diz é mais importante do que como você diz, mas como você diz nunca foi tão importante”. O pregador sábio faz exegese da Escritura e entende a sua cultura. Ele entende que deve conhecer cada uma igualmente bem.⁶⁷

Muitos estudiosos consideram que, na comunicação do evangelho, é mister saber quais são as características do contexto para o qual estamos apresentando a mensagem da salvação. Nesse sentido, a igreja é uma “comunidade de intérpretes”⁶⁸ e a preparação do sermão se torna uma “atividade feita dentro de casa e ao ar livre”.⁶⁹ Mesmo que a exegese cultural pareça uma tarefa fácil, ela requer que os pregadores tenham um profundo compromisso na leitura correta de cada cultura. Afinal de contas, num único bairro é possível ter diferentes tipos de cultura.⁷⁰ “Em tempos de multiculturalismo, em que pessoas de diferentes culturas habitam o mesmo espaço, muitas vezes é difícil saber onde uma cultura termina e a outra começa... [as culturas têm] fronteiras porosas”.⁷¹ Portanto, vivendo em uma “cultura de subculturas”,⁷² os pregadores

⁶⁴ VANHOOZER, ANDERSON e SLEASMAN, *Everyday Theology*, p. 34.

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ CURTIS, B.; AKIN, D.; RUMMAGE, S. *Engaging Exposition*. Kindle Edition. B&H Publishing, locations 233-236.

⁶⁸ VANHOOZER, ANDERSON e SLEASMAN, *Everyday Theology*, p. 55.

⁶⁹ ESWINE, *Preaching to a Post-Everything World*, p. 156.

⁷⁰ Ibid., 12.

⁷¹ VANHOOZER, ANDERSON e SLEASMAN, *Everyday Theology*, p. 26.

⁷² FARRIS, Stephen. *Preaching That Matters: The Bible and Our Lives*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 1998, p. 28.

devem estar atentos às múltiplas culturas que compõem a sociedade, com suas nuances, para que possam comunicar a Palavra de Deus com maior eficiência. As palavras de Graham Johnston sobre a necessidade de analisar a cultura para a tarefa da pregação são dignas de nota. Ele compara a comunicação do evangelho em um mundo pós-moderno ao esforço dos missionários transculturais em traduzir a mensagem bíblica à cultura estrangeira.

O meu apelo é que a comunicação bíblica a uma cultura pós-moderna deva ser abordada da mesma forma que um missionário vai para uma cultura estrangeira. Nenhum missionário [...] entraria em um campo sem primeiro fazer um estudo exaustivo sobre a cultura que ele ou ela pretende alcançar. Chegou o momento de os pregadores de hoje vestirem o traje missionário.⁷³

Vale lembrar que querer compreender a cultura não significa ser absorvido e engolido por ela, mas discernir e desafiar as crenças culturais, ou “os ídolos culturais”, que as pessoas incorporam em suas vidas diárias e que as escravizam num sistema idólatra e mortal. Reconheço que essa tarefa, conquanto aparentemente fácil e extremamente necessária, traz desafios hercúleos, pois muitas vezes nós estamos inconscientes de nossas culturas e sua influência sobre nós. No livro *Do Fish Know They're Wet?* (“Os peixes sabem que estão molhados?”), Tom Neven explica que, assim como os peixes no oceano não sabem que estão molhados, os cristãos geralmente não percebem que estão sendo influenciados pela visão pós-moderna de mundo que domina a cultura atual.⁷⁴ A exegese cultural é, antes de tudo, uma oportunidade para o pregador identificar os ídolos de seu próprio coração.

Outra convicção inegociável da exegese cultural é a conexão que o pregador estabelece com as pessoas em seu dia-a-dia, ou seja, o aspecto relacional da exegese cultural. Loscalzo argumenta que os pregadores desconectam seus sermões do mundo de seus ouvintes porque não conseguem se conectar com o cotidiano das pessoas.

O pregador que gasta toda a semana no estudo, isolado das pessoas, elaborando uma obra-prima literária, pode perguntar por que a congregação não ouve ou age com base no sermão. Sermões que abordam as experiências diárias ou semanais de uma congregação serão ouvidos com grande alegria [...] Os pregadores que aprendem cedo a maravilhosa disciplina de ouvir e conversar estão no caminho para se tornarem um com os seus ouvintes.⁷⁵

⁷³ JOHNSTON, Graham. *Preaching to a Postmodern World: A Guide to Reaching Twenty-First-Century Listeners*. Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 10.

⁷⁴ NEVEN, Tom. *Do Fish Know They're Wet?: Living in Your World without Getting Hooked*. Grand Rapids, MI: Baker, 2005.

⁷⁵ LOSCALZO, Craig A. *Preaching Sermons That Connect: Effective Communication through Identification*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1992, p. 28.

Em *Gospel-Centred Preaching* (“Pregação centrada no evangelho”), Tim Chester e Marcus Honeysett endossam que o trabalho dos pregadores não pode ser divorciado do seu relacionamento com as pessoas.

Se você gastar toda a semana com comentários, o seu sermão soará como uma conversa com estudiosos. Se você passar o tempo com a sua igreja ou no seu bairro, então o seu sermão irá se comunicar de forma mais natural com os seus ouvintes [...] Se você entende a preparação do sermão como um processo que ocorre em um escritório cercado por livros, então você nunca irá torná-lo real. Precisamos conhecer o nosso povo, os cristãos de nossa congregação, e os incrédulos que estamos tentando alcançar.⁷⁶

Uma vez que os pregadores aprendam a se engajar e a ler a cultura de seus ouvintes, eles serão capazes de responder às questões da vida das pessoas. Joseph Jeter afirma sem rodeios: “Ignore a experiência [das pessoas] e a visão de mundo [delas] e elas irão ignorar o sermão”.⁷⁷ É por estas causas que Vanhoozer escreve enfaticamente que a “incapacidade de interpretar os sinais dos tempos significa ser culpado do que poderíamos chamar de “Grande Omissão”.⁷⁸ Dessa forma, os pregadores têm duas exegeses a fazer: do texto bíblico e do texto da cultura, a hermenêutica bíblica e a hermenêutica da cultura. Um bom passo preliminar para começar a fazer exegese cultural é sempre se perguntar: Quais as características da cultura na qual Deus me colocou? Quem são os meus ouvintes? Do que eles gostam? O que eles gostam de fazer? O que eles estão lendo, assistindo, ouvindo? Qual é o partido político preferido deles? Quem é o autor de tal coisa? O que o autor está tentando realizar? O que ele está dizendo, o que ele está fazendo? Qual é ou será o efeito disso sobre as pessoas? Nas palavras de Vanhoozer, “os leitores da cultura deveriam ser capazes de responder às seguintes perguntas: Quem fez este texto cultural e por quê? O que significa e como ele funciona? Que efeito isso tem sobre aqueles que o recebem, usam ou o consomem?”⁷⁹ Estas são algumas perguntas para ilustrar como ir além das camadas superficiais da ponta do iceberg cultural. Os pregadores têm de entender a “água” em que vivem para ensinar o povo de Deus a “nadar” em uma direção oposta a esta forte e traiçoeira “corrente cultural”.

De acordo com Newbigin, a mensagem contextualizada do evangelho implica não simplesmente em ler a cultura, mas também em discernir criticamente e construtivamente seus aspectos positivos e negativos, o que ele chama de “sim” e “não” de Deus em relação à cultura.

⁷⁶ CHESTER, T.; HONEYSETT, M. *Gospel-Centred Preaching: Becoming the Preacher God Wants You to Be*. Epsom, Inglaterra: The Good Book Company, 2014, p. 96, 98.

⁷⁷ JETER, *One Gospel, Many Ears*, p. 113.

⁷⁸ VANHOOZER, ANDERSON e SLEASMAN, *Everyday Theology*, p. 17.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 48.

3.3 *Confronte a cultura*

A aceitação acrítica da cultura é tão danosa à pregação quanto entender a cultura apenas como fruto de uma rebelião pecaminosa. Esses dois extremos enfraquecem a missão da igreja em comunicar o evangelho. A ênfase de Newbigin no “sim” e no “não” de Deus em relação à cultura traz uma contribuição notável para a tarefa da pregação.

3.3.1 O “sim” de Deus

Tim Keller entende que o pregador precisa encarar a cultura como “uma mistura de verdades brilhantes, deteriorada por meias-verdades e clara resistência à verdade”.⁸⁰ Podemos, e devemos, nos aproximar e nos valer da cultura no exercício homilético, embora não acriticamente. David Engelsma descreve essa relutância dos cristãos quanto ao engajamento cultural no artigo de Charles Colson, “Reclaiming Occupied Territory: The Great Commission and the Cultural Commission Are Not in Competition” (“Retomando um território ocupado: a Grande Comissão e a comissão cultural não estão em competição”). Nesse ensaio, Colson narra sua conversa com alguns pastores acerca da urgência de a igreja se envolver com o espaço público de debates da sociedade. Diante disso, um dos líderes religiosos o questiona: “Mas envolver-se com a cultura dessa maneira não interfere no cumprimento da Grande Comissão? Não é este o nosso trabalho: ganhar pessoas para Cristo?”. Após relatar sua surpresa diante dessa pergunta, Colson responde:

É claro que somos chamados a cumprir a “Grande Comissão”. Mas nós também somos chamados a cumprir o mandato cultural. Os cristãos são agentes da graça salvadora de Deus – levando outros a Cristo, expliquei –, mas também são agentes de sua graça comum: manter e renovar a sua criação, defendendo as instituições criacionais da família e da sociedade, e criticando falsas cosmovisões.⁸¹

Para Newbigin, a bondade de Deus para com a criação é a base do “sim” de Deus, pois a cultura expressa a graça divina nos mais variados textos culturais. Neste aspecto Newbigin está em estreita sintonia com a tradição reformada herdada de pensadores e teólogos calvinistas como Abraham Kuyper.

⁸⁰ KELLER, *Center Church*, p. 109.

⁸¹ COLSON, Charles W. “Reclaiming Occupied Territory: The Great Commission and the Cultural Commission Are Not in Competition”. *Christianity Today*, 01/08/2004, p. 64. In: ENGELSMA, David J. *The Reformed Worldview on Behalf of a Godly Culture*. Grandville, MI: Faith/Grandville PRC Evangelism Committees, 2005, p. 3. Mais adiante Engelsma criticou Charles Colson por encorajar o ecumenismo, especificamente o incentivo de Colson à união entre protestantes e católicos para travar juntos a guerra cultural, e também por minimizar o papel dos cristãos em construir uma boa cultura. ENGELSMA, *The Reformed Worldview on Behalf of a Godly Culture*, p. 42.

A doutrina kuyperiana da graça comum fornece uma base excelente para os pregadores se relacionarem com a cultura de forma positiva. O famoso discurso de Kuyper na inauguração da Universidade Livre de Amsterdã resume essa visão: “Não há um centímetro quadrado em todo o domínio da nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não declare: “Meu!”⁸² Muito antes de Newbigin ou Kuyper, Agostinho, em seu livro *A Doutrina Cristã*, ressaltou que “todo bom e verdadeiro cristão deve entender que onde quer que ele possa encontrar a verdade, ela é de seu Senhor”.⁸³ O reformador João Calvino faz coro à declaração de Agostinho sobre a graça comum de Deus, que afirma o valor da criação apesar da depravação da humanidade e dos seus efeitos desastrosos para a harmonia do cosmos. Comentando a carta de Paulo a Tito, no versículo 12 do primeiro capítulo, Calvino escreve:

Toda verdade é de Deus; e, conseqüentemente, se homens ímpios disseram tudo o que é verdadeiro e justo, não devemos rejeitá-la [a verdade]; pois isso veio de Deus. Além disso, todas as coisas são de Deus; e, portanto, por que não seria permitido dedicar para sua glória tudo o que pode ser adequadamente utilizado para esse fim?⁸⁴

Por estas razões, dentre tantas outras inumeráveis que poderiam ser destacadas, o pregador não deve olhar para a cultura exclusivamente com suspeição. O motivo não é a busca de uma relevância pueril. O “sim” de Deus está teologicamente enraizado na doutrina da graça comum. Tratando de forma mais prática do “sim” de Deus à cultura, podemos nos lembrar de como as parábolas de Jesus mostram seu engajamento com a cultura de seus ouvintes. Jesus escolheu situações diárias e empregou histórias para conectar seus ensinamentos com a vida das pessoas. Os pregadores podem se valer do mesmo recurso. Obviamente que vou destacar um aspecto bem simples desse conceito, pois há infindáveis caminhos para se entender a cultura. Existem inúmeros lugares onde encontrar exemplos da vida diária para se manter em contato com a cultura local: jornais, revistas, músicas, best-sellers, filmes, programas de TV, anúncios comerciais, conversas informais com as pessoas e assim por diante.

Quando Albert Mohler perguntou a John Stott se os pregadores devem, de fato, fazer uma dupla exegese em seus sermões, tanto do texto quanto da vida, Stott respondeu:

⁸² KUYPER, Abraham. *Abraham Kuyper: A Centennial Reader*. Grand Rapids, MI: Eerdmans; Carlisle: Paternoster Press, 1998, p. 488.

⁸³ AUGUSTINE. *On Christian Doctrine*. New York: The Liberal Arts Press, 1958, p. 54.

⁸⁴ CALVIN, John; PRINGLE, William. *Commentaries on the Epistles to Timothy, Titus, and Philemon*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, p. 300-301.

Certamente. Eu acho que uma ampla leitura é essencial. Precisamos ouvir homens e mulheres modernos e ler o que eles estão escrevendo. Temos de ir ao cinema, ver televisão, ir ao teatro. A tela e o palco modernos são espelhos do mundo moderno.⁸⁵

No entanto, faço minhas as palavras de Batterson: “Eu, obviamente, não estou lhe recomendando ingerir altas doses de conteúdo moralmente censurável. Mas também não podemos nos dar ao luxo de enterrar a cabeça na areia”.⁸⁶ Em suma, os pregadores podem tirar proveito dos muitos textos culturais para apresentar às pessoas pós-modernas as verdades de Deus.

3.3.2 O “não” de Deus

Newbigin não poupou esforços para expor e denunciar os ídolos das culturas nas quais foi chamado para compartilhar as boas novas. Para ele, o sincretismo era o grande falso deus da igreja. Ele repetidamente acusa a cristandade ocidental de ter sido engolida pelas doutrinas do Iluminismo que levaram a igreja à privatização da fé e à secularização da religião. Suas mensagens estão sempre alertando a igreja contra esse mal. Afinal de contas, de acordo com Newbigin, a relevância da pregação está intimamente atrelada ao anúncio de toda a vontade de Deus, que inclui palavras de julgamento. Tullian Tchividjian afirma:

Quanto mais nós, cristãos, corremos atrás da relevância mundana, mais vamos nos tornar irrelevantes para o mundo que nos rodeia. Há uma irrelevância em correr atrás da relevância, assim como há relevância na prática da irrelevância. Para ser verdadeiramente relevante, você tem que dizer coisas que estão eternamente fora de moda, não as que são badaladas. São as coisas eternas que são mais relevantes para a maioria das pessoas, e não ousemos esquecer desse fato em nossa busca por relevância.⁸⁷

Pregar num mar de mudanças envolve o compromisso de identificar, desconstruir e substituir os ídolos culturais pelo evangelho. Denunciar os ídolos da cultura é um elemento importante para a comunicação do evangelho neste mundo pagano. Embora Stephen Eyre não empregue o termo “ídolos”, ele denuncia o que chama de “dragões do mundo”, ou seja, os falsos valores destrutivos que estão sorrateiramente entrando em nossas vidas, nossas

⁸⁵ MOHLER, Albert. “Between Two Worlds: An Interview with John R. W. Stott”. AlbertMohler.com, 08/08/2011. Disponível em: <http://www.albertmohler.com/2011/08/08/between-two-worlds-an-interview-with-john-r-w-stott/>.

⁸⁶ BATTERSON, “Carpe Culture: Redeeming Cultural Lingo without Diluting the Gospel”.

⁸⁷ TCHIVIDJIAN, Tullian. *Unfashionable: Making a Difference in the World by Being Different*. Colorado Springs, CO: Multnomah Books, 2009, p. 17.

casas e nossas igrejas. Eyre enumera seis dragões que devem ser derrotados: o materialismo, o ativismo, o individualismo, o conformismo, o relativismo e o secularismo.⁸⁸ Esses são os “dragões” que Eyre identificou na sociedade americana. Nosso desafio como pregadores é analisar a nossa cultura brasileira, denunciando seus ídolos e apresentando o mesmo evangelho.

Falar em ídolos da cultura brasileira pode imediatamente apresentar uma confusão no que se refere ao significado de idolatria. A idolatria não ocorre apenas quando as pessoas se curvam diante de imagens de pedra ou de outros elementos; idolatria também significa transformar coisas boas nas coisas mais importantes da vida.⁸⁹ Os ídolos são tudo o que é mais valioso e importante do que Deus. Nancy Pearcey argumenta que os seres humanos sempre divinizam algo dentro da ordem criada quando eles rejeitam a Deus, o Criador.⁹⁰ Ela afirma que os homens tentam se esconder de Deus e evitá-lo criando seus próprios ídolos.⁹¹ Pearcey escreve:

Nós tendemos a igualar os ídolos com coisas que são proibidas ou intrinsecamente más. Mas as coisas que são intrinsecamente boas também podem se tornar ídolos – se nós permitirmos que assumam qualquer das funções de Deus em nossas vidas.⁹²

Apesar de Newbigin promover o que poderíamos chamar de sensibilidade cultural, está mais que comprovado que ser culturalmente sensível não é sinônimo de minimizar o conteúdo da Escritura. Na perspectiva de Newbigin, quando um pregador apresenta o evangelho em sua plenitude, com certeza ele vai inflamar a ira da sociedade, enfrentando rejeição e oposição, pois a mensagem do evangelho é essencialmente contracultural. A abordagem de Newbigin flui de seu entendimento de que a humanidade está naturalmente contra Deus. Ele diz: “[...] nós somos parte de todo esse tecido sem costura da cultura humana que demonstrou, no dia que chamamos de Sexta-Feira Santa, estar em assassina rebelião contra a graça de Deus. Nós temos que dizer que “Deus aceita a cultura humana” como também que “Deus julga a cultura humana”.⁹³ O desafio da contextualização na comunicação do evangelho é tanto a afirmação da cultura como a sua rejeição; solidariedade com a cultura e separação dela.

⁸⁸ EYRE, Stephen D. *Defeating the Dragons of the World: Resisting the Seduction of False Values*. The DragonSlayer Series. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1987, p. 14-15.

⁸⁹ KELLER, Timothy J. *Counterfeit Gods: The Empty Promises of Money, Sex, and Power, and the Only Hope That Matters*. New York: Dutton, 2009, p. xiv, xvii.

⁹⁰ PEARCEY, Nancy. *Finding Truth: Five Principles for Unmasking Atheism, Secularism, and Other God Substitutes*. Colorado Springs, CO: David C. Cook, 2015, p. 43.

⁹¹ *Ibid.*, p. 35.

⁹² *Ibid.*, p. 37.

⁹³ NEWBIGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, p. 195.

À luz dessa tensão, Newbigin adota o termo “relevância desafiadora” para se referir a esses dois compromissos: afirmação e rejeição.

O evangelho deve ser ouvido como relevante. Ele deve falar de coisas que são reais na vida do ouvinte. Deve, portanto, começar por aceitar seus problemas, usando seus modelos e falando a sua linguagem. Mas relevância por si só não é suficiente. O evangelho deve, ao mesmo tempo, desafiar toda a visão de mundo do ouvinte. Deve levá-lo a questionar as coisas que ele nunca questionou.⁹⁴

Newbigin usa o Evangelho de João como um padrão da “relevância desafiadora”. Ele explica que João foi capaz de escrever um livro altamente comprometido com a cultura helenística e simultaneamente oposto à mentalidade helenística. Newbigin menciona o uso da palavra *Logos* no Quarto Evangelho. João conscientemente adota essa palavra para comunicar o evangelho a pessoas moldadas pelas categorias gregas de pensamento, mas dá um significado diferente para o *Logos*. Independentemente da compreensão dos gregos sobre a palavra, João declara que o *Logos* é Jesus Cristo.

3.4 *Pregue apologeticamente*

George Hunsberger chama o legado de Newbigin de um “apologética pós-moderna” e a contribuição “mais rica” para os cristãos ocidentais.⁹⁵ Alguns estudiosos criticam Newbigin por rejeitar a apologética clássica, ou mesmo por não possuir uma abordagem apologética muito bem definida.⁹⁶ Mas a proposta de Newbigin de se aproximar da cultura, entender seus ídolos, que são substitutos de Deus para os não-regenerados, e conduzir as pessoas ao verdadeiro e salvador conhecimento de Deus por meio do evangelho é fortemente apologética. Expondo a relação entre a pregação e a apologética, John Frame sustenta que elas não são coisas distintas, embora possuam ênfases diferentes:

⁹⁴ WAINWRIGHT, Geoffrey. *Lesslie Newbigin: A Theological Life*. New York: Oxford University Press, 2000, p. 196.

⁹⁵ HUNSBERGER, George R. “The Newbigin Gauntlet: Developing a Domestic Missiology for North America”. *Missiology*, 1991, p. 397-398. WAINWRIGHT, *Lesslie Newbigin: A Theological Life*, p. 232. Cf. FEDDES, David. *Missional Apologetics: Cultural Diagnosis and Gospel Plausibility in C.S. Lewis and Lesslie Newbigin*. Monee, Ill.: Christian Leaders Press, 2012.

⁹⁶ FEDDES. *Missional Apologetics*, p. 194-245. Em relação à abordagem apologética de Newbigin, Feddes diz: “Newbigin parecia permitir pouco espaço para apresentar evidências e argumentos apoloéticos antes da conversão de uma pessoa, mas após a conversão, ele parecia permitir considerável esforço intelectual – até mesmo críticas a muitas doutrinas bíblicas – em resposta a novos dados e contextos diferentes [...] Newbigin poderia ser rotulado de ser bastante pressuposicionalista por algumas críticas evangélicas, mas também bastante evidencialista por outras correntes evangélicas. Ambos os rótulos poderiam estar corretos. Em minha opinião, Newbigin era muito pressuposicionalista na medida em que ele não permitiu que a apologética evidencialista funcionasse em áreas onde poderiam fornecer uma ajuda legítima, mas ele foi muito evidencialista no ponto onde ele deveria ter aceitado a revelação bíblica como infalível”, p. 244.

Apologética e pregação não são duas coisas diferentes. Ambas são tentativas de alcançar os incrédulos para Cristo. A pregação é apologética porque visa persuadir. Apologética é pregação porque apresenta o evangelho, buscando conversão e santificação. No entanto, as duas atividades têm diferentes perspectivas ou ênfases. A apologética enfatiza o aspecto da persuasão racional, enquanto a pregação enfatiza a busca da divina mudança na vida das pessoas. Mas se a persuasão racional é uma convicção do coração, então é a mesma coisa que a divina mudança.⁹⁷

Nas palavras de Nathan Busenitz, “corretamente entendida, a apologética é uma ferramenta para evangelistas ajudarem as pessoas a ver com clareza a verdade sobre o evangelho”.⁹⁸ Consequentemente, Busenitz escreve: “Quando a apologética é aplicada biblicamente, o evangelismo é fortalecido”.⁹⁹ De um modo geral, a pregação apologética se propõe a estabelecer um contato cultural e, em seguida, oferecer redirecionamento bíblico”.¹⁰⁰ A pregação apologética leva as perspectivas das pessoas em conta, reafirmando suas verdades, que provêm da *imago Dei*, e rejeita a falsidade que se mistura a estas verdades com o intuito de, finalmente, convidar os ouvintes para um encontro com Jesus Cristo. Ou seja, além de outras características, a pregação apologética é fundamentalmente cristocêntrica. Pregação apologética que não tem a intenção de trazer as pessoas a Cristo como seu Salvador não pode ser considerada cristã.¹⁰¹ Segundo Pearcey, esse tipo de abordagem na pregação “irá equipá-lo a ajudar a libertar aqueles que foram levados cativos por ‘filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas’” (Cl 2.8, NVI). Ela vai lhe ensinar como “desmascarar os ídolos temporais” e conduzir as pessoas em direção à verdade eterna”.¹⁰² Mas não se engane. Decerto este não é um ministério fácil e tranquilo. Tim Keller ressalta que “quando uma pessoa tem um ídolo, ela pode parecer bastante respeitável por fora, mas ameaça aquele ídolo e ela vai matá-lo”.¹⁰³

⁹⁷ FRAME, John M. *Apologetics to the Glory of God: An Introduction*. Phillipsburg, NJ: P&R Pub, 1994, p. 16.

⁹⁸ MACARTHUR, John. *Evangelism: How to Share the Gospel Faithfully*. The John MacArthur Pastors' Library. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2011, p. 43.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 44.

¹⁰⁰ ESWINE, *Preaching to a Post-Everything World*, p. 140.

¹⁰¹ SCHAEFFER, Francis A. *The God Who Is There*. 30th anniversary ed. Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1998, p. 172-173.

¹⁰² PEARCEY, *Finding Truth*, p. 126.

¹⁰³ KELLER, Timothy J. “The Gospel and Idolatry”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OOHdk3FR5Hg&t=43>.

Não seria justo ao conceito de contextualização de Newbiggin falar de pregação contextualizada e apologética sem destacar o lado prático disso. Essa é uma clara ênfase de seus escritos. Ao lado da pregação apologética está a vida apologética. Segundo Newbiggin, a pregação apologética deve ser respaldada pela vida apologética da igreja. Uma não pode existir sem a outra. Sua razão é baseada na suposição de que “a única resposta, a única hermenêutica do evangelho, é uma congregação de homens e mulheres que acreditam nele e vivem por ele”.¹⁰⁴ Obviamente que Newbiggin não desconsidera a importância da proclamação verbal do evangelho, tendo em vista que sua vida e seus escritos foram dedicados a isto. Contudo, tratar o estilo de vida da igreja como a hermenêutica de sua mensagem vem cimentar sua certeza de que o testemunho público dos discípulos de Cristo é aspecto chave para a proclamação da igreja. Na linguagem de Francis Schaeffer, “o testemunho de amor de cada congregação local é a apologética final da fé cristã ao mundo”.¹⁰⁵ Ou seja, a igreja que prega apologeticamente contra os ídolos da cultura, mas vive de acordo com eles, certamente enfraquecerá a autoridade de seu anúncio. Em outras palavras, “a contribuição mais importante que a Igreja pode dar para uma nova ordem social é ser uma nova ordem social”.¹⁰⁶ Chris Wright explica que o papel da ética na pregação é um ponto extraordinário que raramente é destacado com a devida importância. “Ou adornamos o evangelho ou somos uma vergonha para ele. Nossa ética (ou falta de ética) dá apoio (ou mina) a nossa missão”.¹⁰⁷ Newbiggin entende que a verdadeira pregação do evangelho nunca pode ser irrelevante. Afinal, nenhuma mensagem bíblicamente orientada é nula, porque não há limite para o poder da Palavra de Deus. Entretanto, Newbiggin pontua:

uma igreja que prega o genuíno evangelho e não está vivendo corporativamente uma vida que lhe corresponda, vivendo em coabitação confortável com os poderes deste mundo, e que não está desafiando os poderes das trevas [...] fecha as portas que a sua pregação iria abrir... Isso significa que a Igreja está sob severo julgamento daquele que vai requerer de nós não a nossa confissão, mas o nosso compromisso de fazer a sua vontade.¹⁰⁸

Nancy Pearcey, com muita propriedade, comenta:

¹⁰⁴ NEWBIGGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, p. 227.

¹⁰⁵ SCHAEFFER, Francis A. *The Mark of the Christian*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1970, *passim*.

¹⁰⁶ NEWBIGGIN, Lesslie. *Truth to Tell: The Gospel as Public Truth*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991, p. 85.

¹⁰⁷ WRIGHT, Christopher J. H. *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006, p. 388.

¹⁰⁸ NEWBIGGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, p. 139-140.

Podemos fazer um grande trabalho de argumentar que o cristianismo é a verdade total, mas os outros não vão encontrar a nossa mensagem persuasiva, a menos que ofereçamos uma demonstração visível dessa verdade em ação [...] É quase impossível para as pessoas aceitarem novas ideias puramente em abstrato, sem ver um exemplo concreto de como elas se parecem quando vividas na prática [...] Quando as pessoas veem uma dimensão sobrenatural do amor, poder e bondade na forma com que os cristãos vivem e tratam uns aos outros, então a nossa mensagem da verdade bíblica torna-se plausível [...] A apresentação verbal da mensagem cristã perde o seu poder se não for validada pela qualidade de nossas vidas.¹⁰⁹

CONCLUSÃO

É importante que os pregadores entendam que a contextualização é essencial para a tarefa da pregação em qualquer ambiente cultural, incluindo as sociedades acentuadamente pós-cristãs. Eles também devem estar cientes dessa dualidade na pregação: fidelidade e relevância, o que significa respeitosa afirmação e corajosa confrontação da cultura circundante. Para realizar essa tarefa, os pregadores são obrigados a incluir exegese cultural e bíblica em sua agenda.

Do conceito de contextualização de Newbiggin podemos aplicar ao ministério da pregação, primeiramente, a necessidade de se apropriar de uma comunicação do evangelho que seja sempre compreensível para os ouvintes. Em segundo lugar, os pregadores devem entender o contexto cultural de seu público. Isso significa que devemos fazer a hermenêutica de nossas congregações locais e dos contextos de nossos ouvintes para melhor comunicar e aplicar o evangelho às suas necessidades. Em terceiro lugar, os pregadores precisam estar alertas para o fato de que todas as culturas carregam tanto o sinal da graça de Deus quanto das falsas cosmovisões. Finalmente, pregar para a sociedade do “pós-tudo” requer um tipo de pregação que é capaz de reafirmar a verdade das pessoas, rejeitar suas falsas crenças e convidá-las a substituir os seus ídolos pelo conhecimento de Cristo. Dentro de uma sociedade em constante mudança há uma urgente demanda por pregadores que não se envergonham do evangelho e são capazes de interpretar com precisão tanto a Bíblia quanto a cultura local. A contextualização que torna o evangelho menos ofensivo ou mais aceitável para a mente moderna tem de receber o rótulo de “anátema”.¹¹⁰ Qualquer tentativa de ser visto como um pregador relevante e popular em detrimento da proclamação fiel do evangelho é terrivelmente prejudicial.

¹⁰⁹ PEARCEY, Nancy. *Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004, p. 354-355.

¹¹⁰ Paulo usa a palavra “anátema” em Gálatas 1.9 para se referir a alguns falsos mestres que estavam pregando um falso evangelho. “Anátema” significa “maldito” ou “destinado à destruição”.

Ademais, os melhores esforços para contextualizar a mensagem bíblica não são o segredo para a conversão das pessoas. Por quê? Newbiggin explica a razão: “... o que muda a mente das pessoas e converte suas vontades é sempre uma obra misteriosa do Espírito Santo soberano”.¹¹¹ A questão em curso a respeito de como pregar na pós-modernidade tem muitas respostas. Frente a este desafio apenas reproduzo o conselho de Richard Jensen:

Nesse mar de mudanças onde podemos nos segurar? O que podemos proclamar? Os teólogos e homiléticos têm trabalhado horas e horas sobre essa questão. Deixe-me fazer apenas uma humilde sugestão. Podemos contar as histórias da Bíblia. Podemos contar as histórias de Jesus, o Filho de Deus. E podemos confiar que o Espírito Santo vai levar essa história na viagem mais longa do mundo: a viagem do ouvido humano ao coração humano.¹¹²

Esta também é a palavra final de Newbiggin aos pregadores de hoje: “Levem os ouvintes face a face com Jesus Cristo como ele realmente é”.¹¹³

ABSTRACT

Contextualization is key to preaching in any cultural environment. In a society that is undergoing quick and continual changes, contextualization is not a simple task, although strongly important. This article aims to apply Lesslie Newbiggin’s concept of contextualization to the task of preaching, especially when performed in an environment hostile to the Scriptures. Newbiggin believes that sound contextualization carries two main components: faithfulness and relevance; this is the core of his concept of contextualization. In other words, the challenge of contextualization in the communication of the gospel is both affirmation of the culture and a rejection of it. This dualism is non-negotiable for preaching and brings many contributions to the gospel communication in the 21st century. On the one hand, the preacher affirms the truth of people; on the other hand, he rejects their false beliefs, and finally he invites them to replace their idols by trust in Jesus Christ alone.

KEYWORDS

Newbiggin; Preaching; Contextualization; Post-modernism; Change.

¹¹¹ NEWBIGGIN, “Evangelism in the City”, p. 4.

¹¹² JENSEN, “Preaching in a Sea of Change”, p. 126.

¹¹³ NEWBIGGIN, Lesslie. *The Good Shepherd: Meditations on Christian Ministry in Today’s World*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, p. 24.